

POPULATION NEWS

Trends and attitudes

Uma abordagem geográfica do excesso de mortalidade

Marta Pulquério
Universidade de Évora

Introdução

Do ponto de vista demográfico, foi no século XX que o homem aprendeu a controlar o seu destino “dominando a morte, a qual foi atirada para as idades mais avançadas” (Morais, 2002). A morte tornou-se um fenómeno minimamente controlável devido às melhorias das condições de saúde e saneamento bem como das condições de vida das próprias populações. Estas melhorias permitiram evitar pandemias que findavam de forma precoce milhares de vidas. Em 2020, Portugal e o mundo foram surpreendidos com uma pandemia originária na China, a COVID-19. A pandemia da COVID-19 acabou por ter um impacto inesperado na tendência da mortalidade portuguesa e mundial: a esperança de vida à nascença diminuiu, em quase todos os países do mundo, e assistiu-se a um aumento da mortalidade sem precedentes (Schöley, Aburto, Kashnitsky, et al.). Esse aumento é, atualmente, encarado como um período temporal cuja mortalidade foi dominada e caracterizada por um excesso. Neste sentido, torna-se necessário compreender o real impacto da COVID-19 na tendência da mortalidade portuguesa.

Excesso de mortalidade

Segundo a Eurostat, define-se excesso de mortalidade como “o número de óbitos registados, acima do que poderia ser registado em condições normais, independente da causa e durante uma crise”. A pandemia da COVID-19 veio provar que a monitorização de situações em rápida mudança e com atualizações diárias continua a ser um grande desafio. A metodologia associada ao excesso de mortalidade é considerada uma metodologia capaz de superar essas adversidades e por isso, tem sido utilizada por vários cientistas e académicos para compreender a pandemia e os impactos que esta pode ter na mortalidade bem como na qualidade de vida das populações (Németh, Jdanov e Shkolnikov, 2021).

Entre 2020 e 2022, verificou-se um excesso de mortalidade no território nacional que afetou significativamente os indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino (figura 1 e 2).

Figura 1: Excesso de Mortalidade em Portugal, sexo masculino, 2020-2021-2022

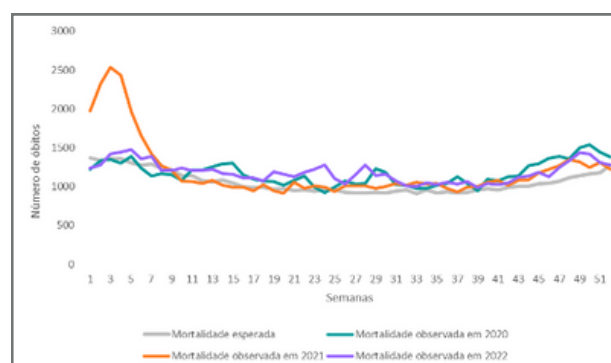
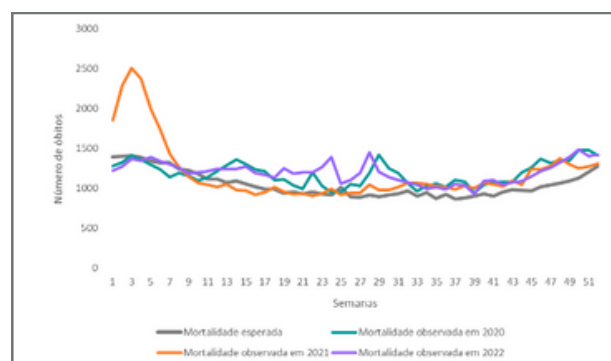


Figura 2: Excesso de Mortalidade em Portugal, sexo feminino, 2020-2021-2022





No entanto, foram os óbitos femininos que mais contribuíram para esse excesso de mortalidade nos anos de 2020 e 2022; em 2021, foram os óbitos masculinos que mais contribuíram para o excesso de mortalidade observado.

Analisando a evolução da pandemia da COVID-19 a nível nacional, o ano de 2022 e o respetivo excesso de mortalidade registado é intrigante, isto é, a pandemia da COVID-19 já se encontrava controlada, a maioria dos portugueses já se encontravam vacinados e algumas das medidas restritivas impostas pelo governo já tinham sido reduzidas, assim sendo, esperava-se que a tendência da mortalidade voltasse a valores semelhantes aos registados no período pré-pandémico; mas não foi isso que aconteceu. O ano de 2022 caracterizou-se por um excesso de mortalidade significativo cuja causa não foi a COVID-19; segundo o Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge (INSA), este aumento da mortalidade pode estar associado a outros fatores, como os períodos de calor em julho e agosto e a epidemia de gripe entre novembro e dezembro (INSA, 2023) bem como ao adiamento de diagnósticos durante a pandemia que, em alturas não pandémicas, podiam ter sido descobertas mais cedo e tratadas, evitando a ocorrência do óbito.

Excesso de Mortalidade – Mortalidade Prematura vs Mortalidade Senescente

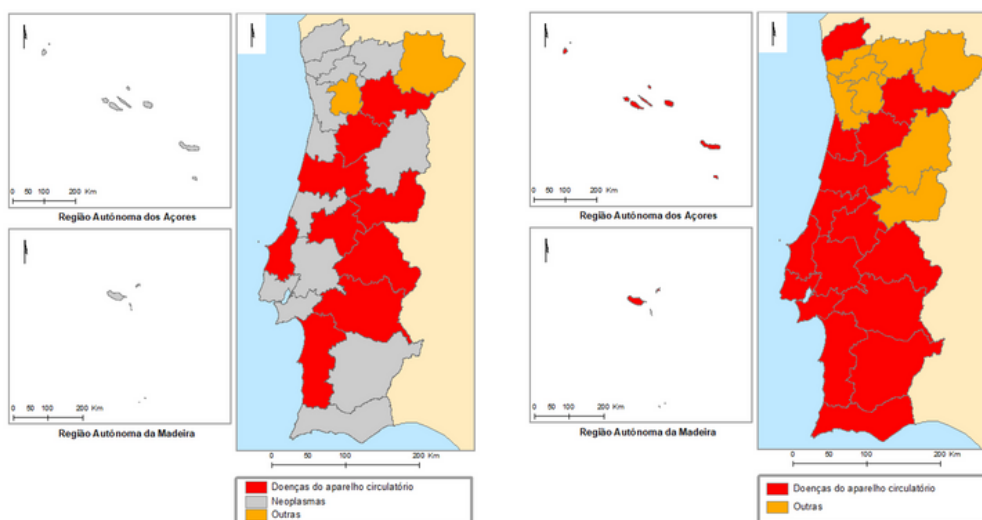
A melhoria das condições de saúde e por consequente das condições de vida das populações deslocou a ocorrência de óbitos para idades mais avançadas, permitindo às pessoas viverem mais tempo e com uma melhor qualidade de vida. Neste sentido e mesmo numa realidade atípica como foi o período pandémico, a maioria dos óbitos registados ocorreu em idades senescentes, ou seja, acima dos 70 anos, para ambos os sexos. Os indivíduos do sexo masculino têm uma esperança de vida à nascença menor que a dos indivíduos do sexo feminino; esta realidade associada a comportamentos de risco (como o consumo de álcool e os acidentes ferroviários) normalmente associados aos homens aumenta a probabilidade destes falecerem mais cedo. Entre 2020 e 2022, foram os homens que tiveram mais impacto na mortalidade prematura e por consequente, no excesso de mortalidade prematura registado. Por sua vez, os óbitos registados em idades senescentes e por consequente, o excesso de mortalidade verificado foi caracterizado pela ocorrência de um maior número de óbitos de indivíduos do sexo feminino do que do sexo masculino.

É ainda de referir que em 2020 e em 2021 foi nos grupos etários acima dos 85 anos que se registou um aumento mais significativo do excesso de mortalidade verificado, em ambos os sexos.

Causas de morte

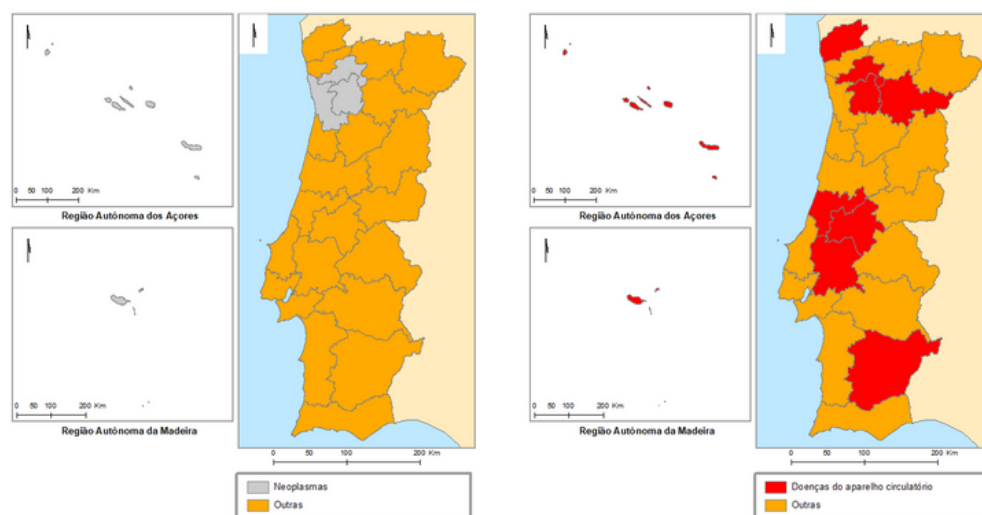
Estudar as causas de morte associadas a um período de excesso de mortalidade permite compreender o real impacto de cada uma das causas de morte na tendência da mortalidade nacional e neste caso, perceber o seu impacto na tendência da mortalidade das 23 NUTS III que constituem o território nacional. Entre 2014 e 2019, foram as doenças do aparelho circulatório e os neoplasmas as principais causas de morte registadas em Portugal tanto para o sexo masculino como para o sexo feminino. Esta realidade alterou-se no ano de 2020 e 2021 tendo a categoria “outras” onde estão incluídos os óbitos por COVID-19 sofrido um aumento significativo.

Figura 3: Principal causa de morte por NUTS III, sexo masculino e sexo feminino - 2020



Em 2020 e para o sexo masculino (figura 3 da esquerda), os neoplasmas (17 097 dos 61 385 óbitos registados) e as doenças do aparelho circulatório (15 271 dos 61 385 óbitos registados) mantêm-se como principal causa de morte em 23 das 25 NUTS III sendo as Terras de Trás-os-Montes e o Tâmega e Sousa a exceção e tendo como principal causa de morte a categoria outras. No caso do sexo feminino, as doenças do aparelho circulatório prevalecem como a principal causa de morte em 17 das 25 NUTS sendo o Alto Tâmega, Área Metropolitana do Porto, Ave, Beira Baixa, Beiras e Serra da Estrela, Cávado, Tâmega e Sousa e Terra de Trás-os-Montes as exceções em que a causa de morte principal se encontra na categoria outras.

Figura 4: Principal causa de morte por NUTS III, sexo masculino e sexo feminino - 2021



Em 2021 e no caso do sexo masculino (figura 4), apenas na Área Metropolitana do Porto, no Ave, na Região Autónoma dos Açores, na Região Autónoma da Madeira e no Tâmega e Sousa os neoplasmas são a principal causa de morte. Em todas as outras NUTS III, a categoria outras assume-se como a causa de morte modal. No caso do sexo feminino, a causa outra é a principal causa de morte em 15 das 25 NUTS III. Esta realidade mostra que a existência de fenómenos inesperados e mortíferos como foi a pandemia da COVID-19 altera a tendência da mortalidade bem como das causas de morte.



Considerações finais

Portugal assistiu a um excesso de mortalidade, isto é, registaram-se mais óbitos do que os esperados em comparação com os anos anteriores e sendo este um caso excecional, interessa compreender o real impacto que este excesso de mortalidade teve na realidade de Portugal. Conclui-se que o excesso de mortalidade registado teve um impacto maior no sexo feminino do que no sexo masculino e que os óbitos ocorridos acima dos 70 anos foram os principais responsáveis pelo excesso de mortalidade observado. Neste sentido, compreende-se que a realidade demográfica de uma população está sujeita a eventos extremos sem precedentes e esses eventos podem ter efeitos na tendência populacional nacional bem como no envelhecimento saudável e na longevidade das populações. É por isso necessário utilizar o passado, neste caso, uma pandemia inesperada e mortífera, para planear um futuro mais saudável, adequado à realidade de saúde das populações e que permita as populações continuarem a viver mais tempo e com as melhores condições de vida.

